

# A Experiência do Empreendimento Econômico Solidário COOPVILA da Vila Emater de Maceió

Uma análise do monitoramento do Projeto “Reciclar e Educar” no período 2013 a 2015

*Ana Maria Rita Milani<sup>1</sup>, Emanuel Lucas de Barros<sup>2</sup>*

**Resumo** Este trabalho trata da experiência do empreendimento econômico solidário Cooperativa dos Catadores da Vila Emater em monitorar informações financeiras, de produção, comercialização e entre outros, durante a execução do projeto Coopvila: Educar e Reciclar de 2013 a 2015. Essas informações foram acompanhadas por um educador social durante dois anos, permitindo assim uma sistematização e análise sobre o empreendimento. A análise se dá através de uma abordagem da econômica solidária, onde podemos concluir que ocorreu um fortalecimento da autogestão da cooperativa, e ainda, melhorou-se as condições de trabalho dos cooperados da COOPVILA.

**Palavras-chave** Economia solidária; Cooperativismo; Catadores de materiais reciclados; Coopvila; Educar e reciclar.

**Abstract** This work deals with the experience of solidary economic enterprise Cooperative of Recyclers Emater Vila to monitor financial, production, marketing and among others, during the execution of Coopvila project: Educating and Recycle from 2013 to 2015. This information was accompanied by an educator social for two years, allowing for systematization and analysis of the enterprise. The analysis takes place via a joint economic approach where we can conclude that there was a strengthening of the cooperative self-management, and also was improved the working conditions of the cooperative COOPVILA.

**Keywords** Solidarity economy; Cooperatives; Collectors of recycled materials; Coopvila; Educate and recycle.

**Resumén** Este trabajo trata de la experiencia del emprendimiento económico solidario Cooperativa dos Catadores da Vila Emater en monitorear informaciones financieras, de producción, comercialización, entre otros, durante la ejecución del proyecto Coopvila: Educar

---

1 Doutora em Economia pela UFRGS - Professora Adjunta da Faculdade Economia, Administração e Contabilidade da Universidade Federal de Alagoas. (FEAC-UFAL). Professora do Curso de Mestrado em Economia Aplicada (CMEA-UFAL). e-mail:amilani22@hotmail.com

2 Mestrando em Economia pela Universidade Federal de Alagoas – elb.lucas@gmail.com

e Reciclar de 2013 a 2015. Esas informaciones fueron acompañadas por un educador social durante dos años, permitiendo así una sistematización y análisis sobre el emprendimiento. El análisis se presenta a través de la abordaje de la economía solidaria, en la cual se puede concluir que ocurrió un fortalecimiento de la autogestión de la cooperativa, y también, se mejoraron las condiciones del trabajo de los cooperados de la COOPVILA.

**Palabras clave** Economía solidaria; cooperativismo; Coopvila; Educar y Reciclar.

## Introdução

A economia solidária é um modo de produção que surge devido às contradições do sistema capitalista e da impossibilidade deste de abarcar todos os indivíduos dentro das atividades econômicas: produção, distribuição e consumo. Podendo existir dentro do sistema vigente, mas que pretende se tornar um novo sistema econômico. Seus princípios são baseados em valores e na dignificação dos indivíduos, para tanto, faz-se necessária a igualdade dos sujeitos, tanto a igualdade de direitos quanto a econômica, tendo a autogestão como forma de organização do sistema dessa economia.

O sistema de produção capitalista carrega consigo contradições, como por exemplo, o desemprego, a desigualdade social, a miséria e pobreza extrema, permitindo aos indivíduos criarem mecanismos de sobrevivência que vão ao encontro das premissas do sistema vigente

A solidariedade e a autogestão são alternativas para os indivíduos que não conseguem se enquadrar no capitalismo. Assim, as empresas solidárias em que a propriedade dos meios de produção é coletiva, não há separação entre trabalho e posse dos meios de produção, há igualdade de voto entre os que trabalham e uma busca por melhores condições, fundamentada em valores e tem sido uma alternativa para os que de alguma forma não se enquadram, por não concordar com seus princípios ou por não ser aceito de alguma forma, nas empresas capitalistas que preveem a propriedade privada dos meios de produção e que apenas se interessa pela maximização do lucro.

Neste sentido, os Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) têm sido alvo de muitos debates e questionamentos sobre sua viabilidade financeira e forma de funcionamento, pois precisa enfrentar diariamente o dilema de ser um empreendimento que se propõe a construir um novo sistema econômico, mas que continua produzindo e comercializando dentro do sistema capitalista. A partir daí, surgem questionamentos como: uma

empresa solidária consegue sobreviver dentro do sistema capitalista sem romper com seus princípios? Mesmo este sendo um dos maiores dilemas da economia solidária, consegue-se perceber que, com o aumento do emprego da autogestão, houve uma melhoria nas condições de vida dos trabalhadores dos grupos solidários, contribuindo para o fortalecimento do empreendimento.

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar a experiência do empreendimento solidário Cooperativa dos Catadores da Vila Emater durante a execução do projeto Coopvila: Educar e Reciclar de 2013 a 2015.

Assim, o trabalho está dividido em duas seções, a primeira discorre sobre alguns conceitos de economia solidária e como está inserida no Brasil, avaliando o aspecto do catador de materiais reciclados. Na segunda, há uma apresentação da história da Cooperativa dos Catadores da Vila Emater e, ainda, é apresentada a experiência de monitoramento de dados financeiros durante os anos de 2013 a 2015. Por fim, as considerações finais.

## 1. A economia solidária no Brasil

A economia solidária no Brasil está inserida no processo de subdesenvolvimento, diferentemente do contexto europeu no qual as iniciativas autogestionárias se tornam presentes em pleno desenvolvimento do capitalismo. Isto é, na Europa ocorreu dentro de fábricas/indústrias com o crescimento da exploração da relação de capital e trabalho, quando os operários foram submetidos a situações de subempregos e ao aumento da carestia. Por sua vez, o contexto do brasileiro vivenciou um processo de industrialização tardio, fazendo com que os empreendimentos solidários surgissem entre os trabalhadores do meio rural. Apesar dessa diferença, ambos os processos utilizaram a autogestão como forma de melhoria das condições de vida dos indivíduos. Esta característica também está presente no Nordeste e no estado de Alagoas.

Para podermos discutir acerca da economia solidária no Brasil, na região Nordeste e em Alagoas, faz-se necessário conceituá-la e diferenciar os empreendimentos que atuam de forma solidária das empresas de caráter mercadológico.

Ao longo do processo histórico de iniciativas autogestionárias, a economia solidária começou a se diferenciar e ganhar conceitos específicos

para sua maneira de organização do processo de produção, distribuição e consumo. Existem diferentes estudos sobre a definição de economia solidária. Para a Associação Nacional dos Trabalhadores e Empresas de Autogestão e Participação Acionária (ANTEAG) a economia solidária é:

Compreendida como o conjunto de atividades econômicas – de produção, distribuição, consumo, prestação de serviços, poupança e crédito – organizados e realizados solidariamente por trabalhadores e trabalhadoras sob a forma coletiva e autogestionária (ANTEAG, 2009 p. 17).

Paul Singer (2002, p. 10) amplia esta discussão sobre o conceito de economia solidária dando uma visão mais abrangente da problemática definindo-a da seguinte forma:

A economia solidária é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito a liberdade individual. A aplicação desses princípios une todos os que produzem numa única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica. O resultando natural é a solidariedade e a igualdade, cuja reprodução, no entanto, exige mecanismos estatais de redistribuição solidária da renda [...].

Neste sentido, percebe-se que a economia solidária se diferencia da economia capitalista em dois grandes aspectos: propriedade e liberdade individual. O primeiro diz respeito a propriedade, no sistema capitalista a propriedade é individual, privada, por sua vez, no modo de produção solidário a propriedade é coletiva. Essa diferenciação irá resultar diretamente na forma de produzir, pois em um modo de produção no qual os trabalhadores são detentores dos meios de produção eles poderão definir em conjunto o que será feito com os excedentes da produção, podendo ser investido no próprio empreendimento e, ainda, ser dividido igualmente entre todos, empregando assim a autogestão. Nos empreendimentos capitalistas, nos quais poucos indivíduos são proprietários dos meios de produção, estes poucos são os responsáveis por definirem em que o excedente da produção será aplicado, sendo que, na maioria dos casos, nenhuma parte deste excedente vai para o trabalhador. Estes casos aplicam a heterogestão.

O segundo aspecto refere-se à liberdade individual, no sistema capitalista a liberdade concedida ao indivíduo não possuidor dos meios de produção é o de vender sua mão de obra, e os que são impossibilitados de fazê-lo, são excluídos do sistema, sendo obrigados a criar formas de sobrevivência através de subempregos, como é o caso dos catadores de materiais recicláveis dos lixões. Na economia solidária, que tem como princípio a igualdade dos sujeitos, a liberdade individual é efetivada com a tomada de decisões coletivas, tendo todos os envolvidos os mesmos direitos: de participar, opinar, propor, votar e ser votado, etc.

Confirmando esta ideia a respeito do entendimento de economia solidária, Singer (2002, p. 9) explicita:

A solidariedade na economia só pode se realizar se ela for organizada *igualmente* pelos que se associam para produzir, comerciar, consumir ou poupar. A chave dessa proposta é a associação entre iguais em vez do contrato entre desiguais. Na cooperativa de produção, protótipo de empresa solidária, todos os sócios têm a mesma parcela do capital e, por decorrência, o mesmo direito de voto em todas as decisões. Este é o seu princípio básico. Se a cooperativa precisa de diretores, estes são eleitos por todos os sócios e são responsáveis perante eles. *Ninguém manda em ninguém*. E não há competição entre os sócios: se a cooperativa progredir, acumular capital, todos ganham por igual. Se ela for mal, acumular dívidas, todos participam por igual nos prejuízos e nos esforços para saldar os débitos assumidos.

As experiências de empreendimentos solidários foram e ainda são vivenciadas dentro do limite do sistema capitalista, sendo este gerador de desigualdade por meio do princípio da propriedade privada dos meios de produção, gerando competição entre os empreendimentos e indivíduos. Ou seja, há sempre vencedores e perdedores, melhores e piores. Portanto, neste contexto se faz necessária a presença do Estado como meio regulador das desigualdades. Mesmo assim, a implantação dos princípios da economia solidária está condicionada à transformação do sistema econômico vigente.

Assim, podemos definir a economia solidária como um modo de produção que surge devido às contradições do sistema capitalista e da impossibilidade deste de abarcar a todos os indivíduos dentro das atividades econômicas: produção, distribuição e consumo. Seus princípios são

baseados em valores e na dignificação dos indivíduos, para tanto se faz necessária a igualdade dos sujeitos, tanto igualdade de direitos quanto igualdade econômica, tendo a autogestão como forma de organização do sistema de economia solidária.

O quadro abaixo resume as principais diferenças entre as empresas capitalistas e as empresas solidárias.

**Quadro 1.** Empresa Capitalista VS Empresa Solidária.

Empresa Capitalista	Empresa Solidária
Propriedade privada dos meios de produção	Propriedade coletiva dos meios de produção
Separação entre trabalho e posse dos meios de produção	Nega a separação entre trabalho e posse dos meios de produção
Poder de mando concentrado nas mãos dos investidores	Voto igual entre os que trabalham nela
Busca por Lucro	Busca por melhores condições de trabalho, baseado em valores.

Fonte: Singer, 2002 - Elaboração própria.

A economia solidária no Brasil tem se consolidado através de diversos empreendimentos autogeridos por trabalhadores que encontraram nela uma solução para o desemprego e subemprego. Como demonstrado no Atlas da Economia Solidária no Brasil 2005-2007 (BRASIL, 2009), 46,2% dos empreendimentos solidários brasileiro declararam que a motivação da criação do EES foi dar uma alternativa ao desemprego, e a região Nordeste apontou ser 42,56%, e dos empreendimentos que fazem parte do estado de Alagoas 73,37% declararam o desemprego como motivador da busca pela autogestão. Esses dados, especialmente para Alagoas que tem muitos empregos sazonais, demonstram a importância da economia solidária como forma de sobrevivência de diversas famílias.

Atualmente, no Brasil, ainda permanece a característica da maior parte dos empreendimentos solidários atuarem no meio rural, como demonstrado na tabela abaixo. O mesmo se segue para a região Nordeste, que apresenta 72,2% dos empreendimentos atuando em área rural, porém o estado de Alagoas foge um pouco desta realidade, e somente 44,6% dos empreendimentos apresenta atuação somente em área rural, o que pode ser motivado pelo grande êxodo rural ocorrido no estado na década de 1990, como mostra o Quadro 2.

**Quadro 2.** Área de atuação do empreendimento (2013).

	Rural	Urbano	Rural e Urbano
Brasil	54,8%	34,8%	10,4%
Nordeste	72,2%	19,3%	8,5%
Alagoas	44,6%	26,3%	29,1%

Fonte: SIES, 2013. Elaboração própria

A organização em associação dos Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) é a mais comum no Brasil, pois 60% dos empreendimentos se instituem com este formato, enquanto que somente 8,8% se organizam em cooperativas. Isto se dá, principalmente, devido aos altos custos envolvendo taxas e impostos para se fundar e sustentar uma cooperativa, em comparação com os tributos cobrados às associações, que são menores e envolve menos burocracia. Na região Nordeste, chega a 74,2% de associações, e em Alagoas somente 8,05% dos empreendimentos são formados por cooperativas.

Segundo o boletim informativo da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), que publica dados do Sistema de Informações da Economia Solidária (SIES) 2013, existem 646 empreendimentos econômicos solidários que atuam com coleta e/ou triagem de materiais recicláveis no Brasil. Em Maceió-AL encontramos três Cooperativas de Catadores que realizam estes dois serviços: 1) Cooperativa dos Recicladores de Alagoas (COOPREL) localizada na Av. Menino Marcelo, 6001, Antares, Serraria, e que conta com uma unidade filial no Conjunto Freitas Neto, s/n, Benedito Bentes II; 2) Cooperativa de Recicladores de Lixo Urbano de Maceió (COOPLUM), situada na Rod. AL-101 Norte, Km 3,5, Jacarecica e 3) Cooperativa dos Catadores da Vila Emater (COOPVILA), no seguinte endereço: Rua Livramento, s/n, Vila Emater, Jacarecica. Esta última, objeto de estudo do presente trabalho.

As cooperativas de catadores se enquadram como empreendimento econômico solidário, e de acordo com Singer (2002) merecem especial atenção devido à situação social imposta a seus membros, pois

[...]Recolher material reciclável entre os dejetos é o meio de vida que resta aos que a exclusão social degradou ao máximo. Eles não têm outras alternativas a não ser, talvez, atividades criminosas e a mendicância. Uma grande parte dos que moram na rua ou em lixões se dedica a catar material reciclá-

vel. Sendo extremamente pobres, são explorados pelos sucateiros, que lhes adiantam dinheiro para poderem subsistir em troca da entrega do material coletado a preços vis. A única defesa é a *união faz a força*: a cooperativa. ... A cooperativa é uma oportunidade de resgate da dignidade humana do catador e de desenvolvimento de auto-ajuda e da ajuda mútua, que permite constituir a comunidade catadores (SINGER, 2002, p. 89)

Estima-se que no Brasil existam mais de 100.000 catadores, sendo 70,5 mil informais e 30.390 organizados em cooperativas, segundo dados da Pesquisa Nacional de Saneamento Básico (PNSB, 2008), porém este dado é contestado pela entidade da categoria, o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Reciclados (MNCR), pois a pesquisa se baseia em informações geradas pelas prefeituras, que não teriam nenhum tipo de cadastro dos catadores. Percebe-se assim que a maior parte dos catadores de recicláveis não atuam dentro da economia solidária, mas dentro do mercado, submetidos a péssimas condições de vida, sem direitos ou amparo social.

De acordo com Julio Ruffin Pinhel (2013), há registros de pessoas que trabalham com reciclagem desde a I Revolução Industrial, e já no século XX, com o surgimento das gráficas, grande número de empresas trabalhando com a reciclagem do papel. Além disso, figuras como “garrafeiros” e “sucateiros”, que compravam ou trocavam objetos velhos ou danificados, há tempos permeiam os bairros e as vilas das cidades. Pinhel (2013), afirma ainda que, com o passar dos anos foi se modificando o perfil das pessoas que trabalham com este tipo de material devido ao aumento no consumo geral, especialmente de embalagens (descartáveis), concomitante ao crescimento das cidades e desigualdades sociais, levando ao surgimento de pessoas que encontrariam neste mercado um meio para sobreviver, catando recicláveis nas ruas sem necessariamente ter que pagar ou dar algo em troca.

O alto grau de obsolescência dos produtos leva mais rapidamente os consumidores às compras, e isto tem gerado uma questão importante: para onde vai a mercadoria já consumida? Em geral, o descarte feito pela população vai para a coleta de lixo comum, que é encaminhada para um lixão ou aterro sanitário, ocasionando graves problemas ambientais e de saúde pública, conseqüentemente, o aumento dos gastos públicos. Nesse sentido, os catadores vêm desenvolvendo um papel fundamental na sociedade, o de recolocar no ciclo produtivo os materiais por eles coletados,



diminuindo assim o “lixo” do meio ambiente e colocando-o de volta no ciclo produtivo, criando a chamada logística reversa.

Os catadores de materiais recicláveis trabalham em diferentes locais e de forma individual, encontramos-os principalmente nas ruas e nos lixões, e de forma coletiva em associações e cooperativas. Em Maceió, não sabemos a quantidade de catadores que trabalham de forma individual, até mesmo porque este pode ser um trabalho que sofre grandes flutuações devido à facilidade de entrada e saída. Em organizações, encontramos os catadores nas três cooperativas citadas acima. Há ainda, diversas associações de catadores em cidades do interior de Alagoas, como exemplo Arapiraca, Palmeira dos Índios, Coruripe e Delmiro Gouveia, porém ainda encontram dificuldades para o estabelecimento da autogestão e do trabalho coletivo.

Como já citado, nosso artigo tem foco na COOPVILA, que é formada por catadores de materiais reciclados, os quais trabalhavam no antigo lixão de Maceió. Estima-se que este trabalho possa contribuir para o desenvolvimento de mecanismos de monitoramento das atividades realizadas pelas cooperativas, a fim de estabelecer a relações entre os conceitos e práticas da economia solidária e o dia a dia dos empreendimentos.

## 2. Surgimento e caminhada da Coopvila: análise do monitoramento.

A COOPVILA é uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis localizada na Rua do Livramento, S/N, Vila Emater II, bairro Jacareica, Maceió-AL. É composta por 35 catadores do antigo lixão do bairro da Cruz das Almas, sendo 30 mulheres e 05 homens. Teve sua fundação em 06 de dezembro de 2008, porém alguns dos seus membros registram atividades ainda em 2001, com o apoio do Fórum Lixo e Cidadania, o Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu (CEASB) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) quando ocorreram encontros com o objetivo de erradicar o trabalho infantil e encontrar formas de melhorar as condições de trabalho dos catadores de materiais recicláveis, em 2005 iniciou-se um trabalho por meio do Ponto de Cultura Guerreiros da Vila (CEASB/ Ministério da Cultura) o qual era voltado para o artesanato com um projeto de implantação de uma fábrica de vassouras ecológicas feitas com garrafas pet.

A COOPVILA encontra-se localizada em uma região que, com o fechamento do lixão, foi alvo de especulação imobiliária, pois passou a ser considerada uma “área nobre”, próxima ao oceano atlântico, oferecendo uma vista panorâmica do mar e da cidade. A proximidade com o *Shopping Center* e com as vias de ligação com o centro da cidade, além de ter áreas sem construções, reforçam essa especulação, surgindo o curioso fato de que barracos de lona e mansões dividem espaço em ocupações de terras do estado. Logo, evidenciam-se os barracos, construídos há anos por trabalhadores no limite com a área do antigo lixão, e as mansões, em lado oposto, próximas a ocupações mais recentes.

Inicialmente a cooperativa foi incubada pelo CEASB, tendo funcionado com pequenos núcleos produtivos e oficinas, como fabricação de vassouras com garrafas pet e serigrafia, no mesmo espaço também ocorriam as capacitações sobre cooperativismo. Posteriormente, conseguiu-se alugar um espaço próximo à Vila Emater II, local onde moram todos os cooperados, e foi recebida a doação de um caminhão para realização da coleta seletiva em edifícios e instituições públicas e privadas.

A Vila Emater II, também conhecida como “favela do lixão”, é uma comunidade que se formou no início dos anos de 1990 em um processo de ocupações de terras do estado. O nome da comunidade surge devido à proximidade com uma unidade da Emater, instituição de apoio técnico agrícola do estado de Alagoas. A maior parte de seus moradores é migrante de diferentes cidades do interior, em sua maioria expulsos por fazendeiros e usineiros movidos por transformações estruturais no setor sucroalcooleiro. Ao chegar a Maceió não conseguiram se enquadrar no mercado de trabalho formal e construíram barracos próximos ao lixão de Maceió, local onde passaram a trabalhar como catadores de materiais recicláveis. As famílias que lá residem não têm acesso à água encanada e aos demais serviços de saneamento básico, e se deslocam para outros bairros em busca de educação e saúde. Atualmente, a Associação dos Moradores da Vila Emater II (ASMOVE) conquistou do estado uma área de 51.410,71 m<sup>2</sup>, parte desmembrada da área conhecida como Campo das Palmáceas, pertencente ao estado de Alagoas, para poder construir casas para os moradores por meio do programa do Governo Federal “Minha casa, minha vida”. Porém, a área é constantemente invadida por “grileiros” que falsificam documentos para tomar posse de terras pertencentes ao poder público ou de terceiros.

O processo de fechamento do lixão de Maceió se deu a partir de intensivas campanhas pela erradicação do trabalho infantil e dos lixões, bem como negociações por um programa municipal de inclusão social dos catadores, que incluía a luta por medidas de apoio às cooperativas de catadores formadas entre os anos 2001 e 2008. O estopim foi o atropelamento e óbito de uma criança que lá trabalhava, por um trator do lixão. O encerramento das atividades no lixão, em abril de 2010, atingiu cerca de quatrocentos catadores. A alternativa oferecida pelo poder público municipal para os catadores, que ficariam sem fonte de renda, foi a contratação de alguns catadores – cerca de 50, todos do sexo masculino – por empresas de coleta de resíduos, além da entrega de cestas básicas aos que eram cadastrados, na Vila Emater. Porém, diversas mulheres chefes de família ficariam sem ter de onde tirar seu sustento. Assim, a partir de um trabalho capacitação sobre cooperativismo e com a possibilidade de acompanhamento técnico, 40 catadores perceberam que a cooperativa poderia ser sua fonte principal de renda. Os demais catadores, que não foram contratados pelo poder público e não acreditavam na viabilidade da cooperativa, passaram a trabalhar individualmente, utilizando carroça na rua.

Neste sentido, a Coopvila surgiu para promover a inclusão social dos catadores de materiais recicláveis, tendo como princípio a preservação ambiental e a geração de trabalho e renda (COOPVILA, 2015). A cooperativa teve apoio direto de diversas instituições, que desenvolveram atividades antes mesmo de sua efetiva criação, bem como participaram ativamente da fundação desse empreendimento solidário, destacando o papel desenvolvido pelo Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu (CEASB), instituição civil sem fins lucrativos e caracterizada como Organização Não Governamental (ONG) atuante nos estados de Alagoas e da Bahia.

Atualmente, o CEASB participa de conselhos e fóruns ligados à Economia Solidária e desenvolve projetos como: Rede de Adolescentes por uma Cidade Justa e Sustentável, Ponto de Cultura Guerreiros da Vila e atua como parceiro da Coopvila no Projeto Educar e Reciclar. Este último projeto é patrocinado pela Petrobras e visa a aperfeiçoar, a expandir e a buscar sustentabilidade econômica para a Coopvila, a partir dele surge o aperfeiçoamento das atividades de monitoramento de informações financeiras da cooperativa.

Além destes projetos desenvolvidos pelo CEASB para a cooperativa, outros também participaram da história da Coopvila, são eles:

- a) Catadores Vida e Cidadania (FNMA/CEASB), proposto para a realização de estudos, diagnósticos e mobilização dos catadores de materiais recicláveis, resultando no processo de capacitações e início de uma coleta seletiva;
- b) Criação de núcleos produtivos (CHESF/CEASB), concretizado no início da cooperativa, focalizando a confecção de materiais artesanais por meio de materiais recicláveis, como exemplo, fabricação de vassouras ecológicas feitas de garrafas pet e oficinas de serigrafia;
- c) Do Lixão da Emater a Coleta Seletiva (SEADES/FECOEP/CEASB), durante o fechamento do lixão ocorreram reivindicações dos catadores já organizados com o objetivo de conseguir recursos para a estruturação da cooperativa, com este projeto foi garantida a aquisição de equipamentos como prensa, balança e elevador de carga;
- d) Catando Cidadania (FBB/Coopvila), realizado com a aquisição de um veículo Kombi, capacitação de dois cooperados para tirar carteira de motorista categoria B e combustível por um ano.

Diante de todo esse processo histórico da Coopvila, foram vários os desafios enfrentados desde a criação até o processo de consolidação da cooperativa. Havia incerteza entre os catadores em relação ao fechamento do lixão, pois estes não acreditavam neste processo, devido ao recebimento de avisos pelo poder público acerca do encerramento das atividades, tendo descumprido a determinação várias vezes. A falta de estrutura física como um galpão ou terreno para armazenar o material reciclado proporcionava a incredibilidade no projeto, o pouco conhecimento em autogestão e o baixo nível de escolaridade entre os futuros cooperados eram apenas algumas das dificuldades encontradas para afirmação e consolidação do empreendimento. Porém, a confiança no trabalho coletivo para superar as dificuldades encontradas no dia a dia do catador do lixão, e a determinação em buscar melhores condições de vida foi categórica para que os catadores optassem em participar de oficinas e palestras sobre cooperativismo e autogestão. Isso subsidiou a criação da cooperativa e o andamento das atividades desenvolvidas, contribuindo em diversas áreas tais como, econômica, social, educacional, estrutura física, ambiental, interpessoal, artístico cultural.

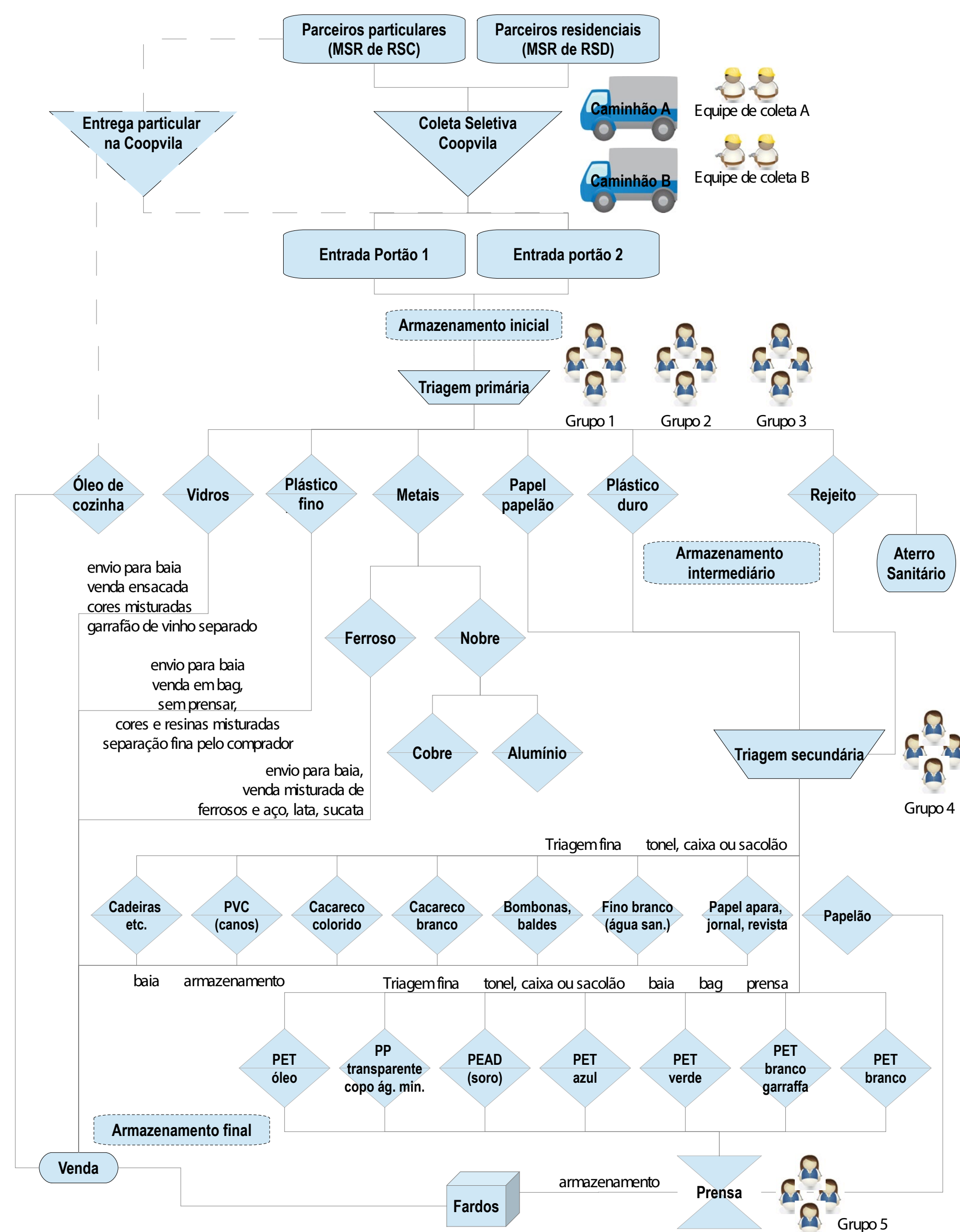
A COOPVILA conta com 35 cooperados, como já foi exposto, destes, seis fazem parte da diretoria composta por: Presidente, Vice-Presidente, Se-

cretaria e vice e Tesoureiro e Vice, e as eleições ocorrem a cada três anos. Todos os cargos mencionados são compostos por mulheres. Além disso, a cooperativa designou algumas funções para os cooperados: vigilante, cozinheira, coletores e triadores. Este último com várias subdivisões. Há reuniões semanais da diretoria e encontros quinzenais com a presença dos cooperados, além de prestações de conta realizada mensalmente. Os encontros quinzenais e as reuniões gerais para prestação de contas mensal têm sido de grande importância para a vida da cooperativa, pois são nesses momentos que são discutidos os problemas do dia-a-dia e apresentadas as propostas de soluções, tomando as decisões coletivamente. Neste sentido, são divididos, entre todos os cooperados, os acertos e erros das decisões tomadas.

A cooperativa possui 144 parceiros, os quais se distribuem em 77 grandes geradores (empresas públicas e privadas, como exemplo, hospital, indústria, secretarias do Estado, supermercado, entre outros) e em 77 domiciliares (condomínios residenciais) que realizam a separação dos resíduos secos dos molhados, colaborando, assim, para a realização da coleta seletiva solidária feita pela COOPVILA. Para gerenciar a coleta nos lugares credenciados foram elaboradas seis rotas, sendo três para os grandes geradores e três para os domiciliares, de acordo com sua localização na cidade de Maceió. Para tanto, utilizam-se dois caminhões para a realização das coletas, sendo um destinado aos grandes geradores e outro aos domiciliares. Ambos fazem as mesmas rotas (Rota 1 – Jatiuca/Ponta Verde; Rota 2 – Pajuçara e Rota 3 – Farol), levando em conta os bairros, mas fazem destinos diferenciados, pois o responsável pela coleta seletiva domiciliar, segundo o Plano Nacional Resíduos Sólidos, é o poder público municipal, já o responsável pela coleta dos grandes geradores é a própria empresa.

O controle da coleta é realizado por meio da lista de assinaturas dos parceiros, assim o motorista ou cooperado, no ato da coleta dos pontos já cadastrados, solicita ao porteiro ou responsável para assinar a lista que confirma a realização da coleta. Essa lista tem servido para alimentar o mural de controle da coleta. Além disso, tem sido estudada a possibilidade de implantar o controle de coleta por meio de rastreador GPS, em um sistema similar ao que é realizado pela coleta comum, porém o custo deste investimento é alto e sem o aporte financeiro do poder público é inviável sua implantação pela cooperativa.

Os materiais reciclados chegam à cooperativa a partir da coleta seletiva, realizada principalmente em três bairros de Maceió: Farol, Ponta Verde e Pajuçara, ou através da entrega direta de Material Seco Reciclável (MSR) na sede da COOPVILA. São desenvolvidas ações voltadas à educação ambiental nessas regiões para obtenção de “parceiros” que forneceram os MSR para a cooperativa. Neste sentido, os cooperados fazem visitas aos condomínios e às empresas em que desejam realizar a separação do lixo, para ensinar a fazê-la e combinar em quais dias será realizada a coleta. De segunda a sábado, quatro cooperados e dois motoristas contratados seguem viagem em busca dos recicláveis, as rotas de cada caminhão se dividem em: Parceiro Particular (Resíduo Sólido Comercial – RSC) e Parceiro Residencial (Resíduo Sólido Domiciliar – RSD). Ao voltar da coleta, os materiais são descarregados no pátio da cooperativa, por meio do portão 1, para a realização da triagem. Enquanto aguardam o término da construção do galpão de triagem, executam-na ainda no chão, em sistema de montes. A descarga é separada em dois locais próximos, um para descarga de papelão e outro para os demais MSR. Assim, ocorrem duas triagem: A) a primária (“triagem grossa”) na qual são triados, por três grupos de mulheres, os seguintes itens: a) Plástico duro; b) Plástico mole; c) Papel e papelão; d) Vidro; e) Metal e; f) Rejeito; e B) a triagem secundária (“triagem fina”), nesta o plástico duro é separado em: a) Cadeiras; b) PVC; c) Cacareco colorido; d) Cacareco branco; e) Bambonas e baldes; f) Fino branco; g) Fino colorido; h) Pet óleo; i) Pet azul; j) Pet Verde; k) Pet transparente; l) PP e; m) Soro. Estes últimos MSR são separados em sacolões, bags ou caixas e enviados para suas baías de armazenamento até serem prensados, com exceção da Cadeira e do PVC, e vendidos. Os papéis separados em: a) Papelão; b) Papel apara; c) Jornal e; d) Revista. Dessa triagem de papel, somente o papelão vai para a prensa antes da comercialização. Os metais são divididos em ferrosos e nobres, este último com classificação entre cobre e alumínio. Esse processo foi sintetizado na figura 1.



**Figura 1.** Fluxograma dos processos da coleta seletiva, triagem e comercialização da Coopvila. Fonte: COOPVILA, 2014.

A cooperativa tem comercializado uma média de 35,4 toneladas de MSR por mês, ou seja, 35,4 toneladas a menos no aterro sanitário, proporcionando uma vida útil maior ao mesmo. Essa quantidade, apesar de parecer pequena, ocupa um grande volume, diferente do lixo molhado. Por isso, a comercialização de MSR contribui para a diminuição de gastos públicos com limpeza urbana. Vale ressaltar que durante o período de setembro de 2013 a maio de 2015 evitou-se que 744,2 toneladas de MSR fossem parar no aterro sanitário, podendo assim voltar ao ciclo produtivo.

Foram encontrados muitos desafios para essa ação, pois toda a comercialização da cooperativa era feita com “atravessadores”, pessoas ou empresas que compram os materiais reciclados das cooperativas e organizam o processo de logística do envio destes materiais às fábricas e indústrias recicladoras. O grau de confiança dos cooperados nos atravessadores era tão alto que chegava ao ponto destes levarem o material reciclado da co-

operativa e apenas, posteriormente, avisarem os valores da pesagem, que ocorria em um lugar fora da cooperativa e sem o acompanhamento de nenhum membro.

Neste sentido, diversas rotinas foram sendo estabelecidas, como por exemplo, o estabelecimento dos responsáveis pela comercialização e fiscalização da pesagem dos produtos, registro diário das vendas, pesquisa de preço, cadastro dos clientes e prestação mensal de contas aos cooperados. Com isso, houve maior transparência nas contas da cooperativa, e ainda, a obtenção de melhores preços no mercado dos recicláveis. Outro fator importante ocorrido foi o cadastramento da cooperativa para o fornecimento de matéria prima para indústria de papel sem a figura do "atravessador", ou seja, a Coopvila passou a organizar, também, todo o processo de logística de vendas. Tentou-se, ainda, o cadastro em outros ramos, como exemplo o dos plásticos, porém a cooperativa não possui volume de produção suficiente para tanto.

A elaboração deste boletim permitiu a divulgação da quantidade de materiais reciclados pela Coopvila no ano de 2014, classificando-os por tipo de material, peso, valor, e o quanto cada item representou, percentualmente, para a cooperativa no ano, como demonstrado na tabela 3. A elaboração desse banco de dados, apresentado na tabela 3, permitiu a realização de uma reflexão sobre onde se encontra a principal potencialidade da cooperativa em termos de volume de produção, e ainda, quais os materiais que apresentam o maior valor agregado entre os MSR. Na classificação geral, os papeis tem sido os principais produtos em termos de volume, sendo responsáveis por 72,9% do total de comercialização da cooperativa em termos de peso (quilos), tendo o papel ondulado (papelão) como principal expoente desta classificação, porém, em termos financeiros, representa somente 47,7% dos rendimentos da cooperativa. Ao contrário dos metais, que em termos financeiros representa 12,1% da comercialização da cooperativa, enquanto em termos de quantidade representa somente 5,1% dos totais comercializados, sendo o cobre o principal responsável por isto, pois este é muito bem pago no mercado de recicláveis. No mesmo sentido, os plásticos apresentam um bom valor de comercialização se comparado ao peso, chegando a dobrar seu preço.



**Tabela 3.** Comercialização 2014.

COOPVILA – COMERCIALIZAÇÃO 2014 (não inclui vendas de produtos unitários)										
Classificação Geral dos Materiais Recicláveis		Peso (kg)	Peso (%)			Venda (R\$)	Valor (%)			
			Fração	Total			Fração	Total		
Papel	Papel Arquivo	89.283	25,9	18,9	72,9	21.573	26,6	12,7	47,7	
	Papel Ondulado	230.483	66,9	48,8		56.665	70,0	33,4		
	Jornal	1.428,16	0,4	0,3		388,9	0,5	0,2		
	Revista	23.480	6,8	5,0		2348	2,9	1,4		
	Total	344.674,16	100,0			80.974,9	100,0			
Plásticos	PET	10.758	14,5	2,3	15,7	11.039,7	18,2	6,5	35,7	
	PP	1.856	2,5	0,4		1566,4	2,6	0,9		
	OS	361	0,5	0,1		216	0,4	0,1		
	PEBD	37.154,86	50,1	7,9		28.643,6	47,3	16,9		
	PEAD	1.8917	25,5	4,0		15.949,5	26,3	9,4		
	PVC	5.088,5	6,9	1,1		3.147,65	5,2	1,9		
	Total	7.135,36	100			60.563,45	100			
Metal	Ferro sos	Aço	19.785,5	81,6	4,2	5,1	3.967,53	19,2	2,3	12,1
		Não Ferro sos	Alumínio	4.079,25	16,8		0,9	12.200,25	59,2	
	Cobre		320,5	1,3	0,1		3.983	19,3	2,3	
	Metais Pesados		76	0,3	0,0		464,3	2,3	0,3	
	Total	24261,25	100		20.615,08		100			
Vidro		25500		5,4	5,4	3825		2,3	2,3	
Bateria		161		0,0	0,9	252,5		0,1	2,2	
Eletrônico		667,52		0,1		2.419,1		1,4		
Motor		3		0,0		21		0,0		
Gordura		3248,33		0,7		1.043,75		0,6		
<b>TOTAL</b>		<b>472650,62</b>		<b>100</b>	<b>100</b>	<b>169714,78</b>		<b>100</b>	<b>100</b>	

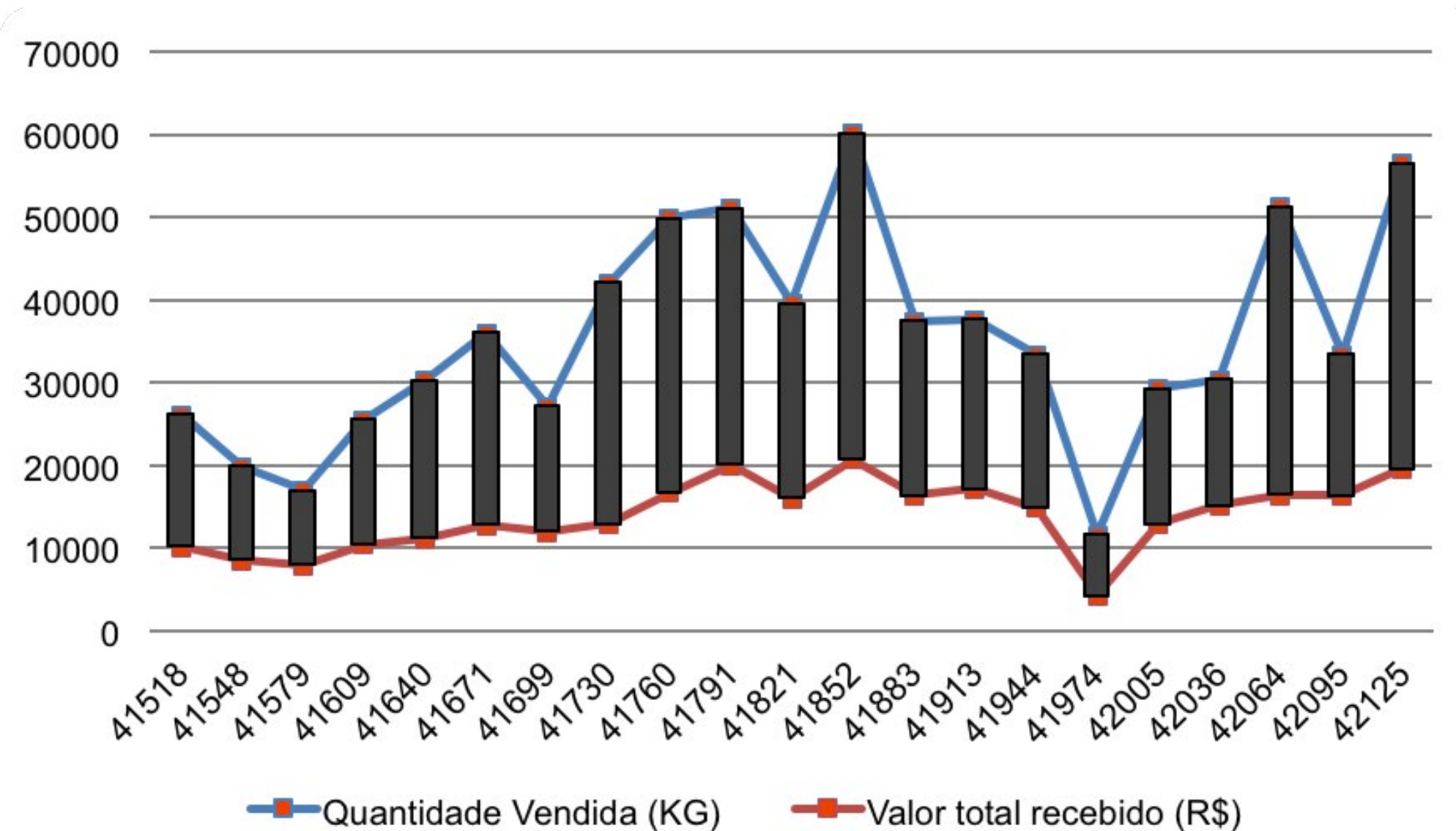
Fonte: Elaboração própria, com base em dados empíricos da experiência do autor, 2015.

Assim, percebemos que ainda há a necessidade de mais equipamentos para agregar valor aos materiais recicláveis da cooperativa, especialmen-

te aos papéis, que apresentam volume suficiente aos exigidos para comercialização com indústrias. Atualmente a COOPVILA conta somente com uma prensa de 30 toneladas que contribui neste trabalho, mas tem realizado pesquisa de mercado para a obtenção de uma nova prensa e um triturador de papeis.

Com base no boletim de comercialização, podemos acompanhar mensalmente o volume financeiro e a quantidade de materiais recicláveis produzidos pela cooperativa, o que tem demonstrado uma evolução na comercialização, mas, principalmente, a flutuação de preços no mercado dos MSR.

O gráfico 1 compara a Receita da comercialização do material reciclado com a quantidade vendida no período em estudo. Assim, pode-se observar que no mês de 2014 a quantidade de materiais reciclados comercializados teve uma grande queda decorrente da não comercialização de papeis no período, devido a complicações com o comprador desse material, gerando uma crise nas vendas que durou até fevereiro de 2015. Além disso, houve também uma diminuição do preço de alguns plásticos, como o PET. Mesmo assim, percebe-se uma recuperação das vendas no período posterior, especialmente, por causa da comercialização do papel ondulado ter sido realizada diretamente com a fábrica, sem o intermédio do “atravessador”.



**Gráfico 1.** Comercialização: Quantidade x Valor Recebido 2013 a 2015. Fonte: Elaboração própria, com base em dados empíricos da experiência do autor, 2015.

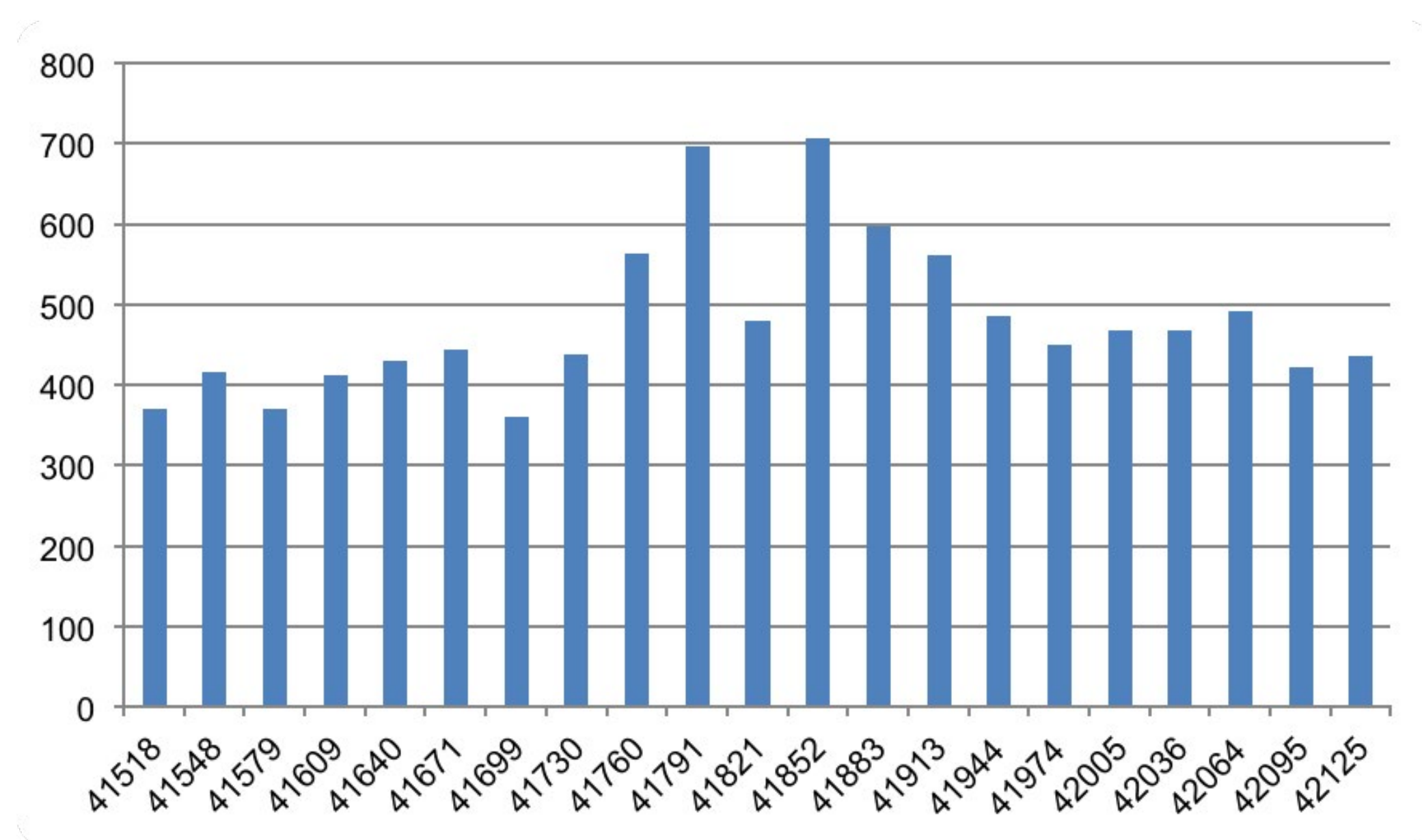
Segundo depoimentos dos catadores, a primeira divisão do valor total recebido pela cooperativa foi em média trinta reais para cada cooperado. Com o desenvolvimento do projeto Coopvila “Reciclar e Educar”, o processo de controle foi aperfeiçoado e passou a subsidiar debates importantes sobre a renda dos cooperados. O boletim de renda, que é um dos instrumentos de controle, é preparado pela tesouraria da cooperativa.

A cooperativa utiliza de uma metodologia simples para a realização do rateio dos cooperados, a saber: após a comercialização do mês, que ocorre geralmente até o dia 05 do mês subsequente, subtraem-se as despesas correntes e o restante entra para a divisão que é proporcional ao número de dias trabalhados – a jornada de um dia de trabalho equivale a oito horas diárias. É utilizado, para tanto, a seguinte equação:  $R_i = D_i * (S/Dt)$ , sendo:

- Renda do cooperado ( $R_i$ );
- Saldo do Mês ( $S$ ) = Comercialização do mês – Despesas;
- Total de dias trabalhados da Cooperativa ( $Dt$ );
- Total de dias Trabalhados do cooperado ( $D_i$ ).

Em setembro de 2013 existiam apenas 24 cooperados, que trabalhavam em média 180 horas mensais, ou seja, 45 horas semanais, e o rendimento médio bruto era de R\$ 338,92. Um fator muito importante e de destaque para Coopvila, é que todos os seus cooperados contribuem mensalmente com o Instituto Nacional de Seguro Social (INSS), assegurando assim sua previdência social. No momento atual do projeto, a cooperativa encontra-se com uma renda média de R\$ 445,59, com 34 cooperados ativos e trabalhando uma média de 42,5 horas semanais. Assim, demonstra-se que mesmo com o aumento do número de cooperados e uma diminuição no número de horas trabalhadas, a renda tem aumentado significativamente, fenômeno que pode ser atribuído, embora em parte, a uma melhora na autogestão.

Verificando o rendimento individual dos cooperados, percebemos que há uma diferenciação significativa entre os cooperados que menos recebem e os que conseguem rendimentos maiores devido à presença regular na cooperativa. No mês de maio de 2015, por exemplo, a menor retirada foi de R\$ 222,87 e a maior foi equivalente a R\$ 503,88, ou seja, mais do que o dobro do valor recebido. Se compararmos esses dois extremos da renda no mês de junho de 2014, período em que alcançaram os maiores rendimentos na história da cooperativa, sendo o maior rendimento de R\$ 791,56 para os que não apresentaram faltas no mês, valor este quatro vezes maior do que a menor retirada, que foi de R\$189,89. Por essa grande variação de valor, para efeito estatístico, foi utilizada a renda mediana para demonstrar a evolução do rendimento dos cooperados durante os meses de setembro de 2013 a maio 2015.



**Gráfico 2.** Evolução da Renda dos Cooperadores – 2013 a 2015. Fonte: Elaboração própria, com base em dados empíricos da experiência do autor, 2015.

Conforme apresentado no gráfico 2, percebe-se que, durante os primeiros meses de 2015, a renda não recuperou os números do período anterior, pois neste período ocorreram dois fatores que podem ter contribuído para isso: 1) baixa nos preços dos materiais reciclados e 2) início das obras do galpão de triagem.

O período anterior referido acima corresponde ao período de maio a setembro de 2014, no qual se visualiza um crescimento significativo em relação ao rendimento dos cooperados. Esse aumento do rendimento foi concebido por diversos fatores, sendo os mais importantes: o aumento do número de doadores de materiais recicláveis da cooperativa, a expansão do terreno que permitiu uma maior escala de produção, atividades promocionais como a semana do meio ambiente e, ainda, foram os períodos em que a cooperativa recebeu acompanhamento de um psicólogo especialista em mediação de conflitos, que trabalhou com ênfase no tema “ser cooperado”.

Com o aumento relativo no rendimento deste período, os cooperados ficaram mais solícitos a entrada de novos membros. Em novembro de 2014 ocorreu a entrada de quatro colaboradores. Esta atitude foi avaliada com muita cautela pelos membros da cooperativa, pois o período que corresponde a novembro de 2014 a março de 2015 foi muito difícil para a comercialização de materiais recicláveis, especialmente do papelão, como discutirei mais adiante quando for discorrer acerca do tema comercialização.

Fazendo um contraponto a isso, notamos que, apesar da diminuição na renda no intervalo de novembro 2014 a fevereiro de 2015, bastou a recuperação da comercialização dos produtos e a expectativa de melhor co-

mercionalização futura, bem como o aumento da capacidade produtiva da cooperativa com o término da construção do galpão, para que ocorresse em abril de 2015 a entrada de mais quatro cooperados.

Todos os clientes da cooperativa são cadastrados para poderem realizar as compras dos materiais reciclados. Como citado no ponto de comercialização, esse cadastro tem se expandido com a intenção de obterem melhores preços no mercado. As informações solicitadas para cadastro são: pessoa física: Nome, CPF, endereço, tipo de material de interesse, telefone e e-mail e para pessoa jurídica: Razão Social e Nome Fantasia, CNPJ, endereço, nome do responsável, telefone, e-mail. Os contatos são feitos mensalmente ou, quando necessário, com todos os clientes, de forma a pesquisar preços e volumes necessários. Atualmente, a cooperativa conta com um cadastro de 23 (vinte e três) clientes compradores de materiais reciclados.

Durante os meses de março, abril e maio de 2014 foi elaborada a pesquisa de prospecção, no intuito de aumentar seus parceiros para realização de coleta na região do bairro da Ponta Verde, Maceió-AL, com intuito de levantar informações para a expansão da coleta seletiva solidária. Foram levantados 505 endereços de edifícios, entre estes foram classificados como 447 domiciliares e 58 comerciais, em 39 diferentes ruas. Entre todos os entrevistados, 13 já participavam de algum programa de coleta seletiva com cooperativa de catadores, 10 demonstraram não se interessar em participar do programa e 482 demonstraram abertura para conhecer o programa. Neste sentido, a área demonstrou grande potencial para a expansão da coleta seletiva aplicada pela cooperativa, pois os 505 endereços representam um número bem maior de residências, porque todos os endereços domiciliares comportam mais do que uma residência, sendo o sistema de coleta verticalizada.

## Considerações finais

A acumulação de capital tem gerado diferentes níveis de desigualdades, chegando ao ponto de muitos indivíduos sequer conseguirem se inserir no modo de produção capitalista, como é o caso dos catadores de materiais reciclados que optam por essa atividade por não conseguirem vender sua mão de obra no mercado formal de trabalho. Com isso, surgem novos sistemas de produção dentro do próprio capitalismo, um desses sistemas insurgentes é a economia solidária, que tem seus princípios baseados nos valores e na dignificação dos indivíduos.

As experiências de empreendimentos solidários foram e ainda são vivenciadas dentro do limite do sistema capitalista, sendo este gerador de desigualdade por meio do princípio da propriedade privada dos meios de produção, gerando competição entre os empreendimentos e os indivíduos. Ou seja, há sempre vencedores e perdedores, melhores e piores. Portanto, nesse contexto se faz necessária a presença do Estado como meio regulador das desigualdades.

Neste sentido, há uma grande necessidade do monitoramento de indicadores de desenvolvimento dos empreendimentos econômicos solidários, como o desenvolvido na COOPVILA, pois se percebe um fortalecimento nas atividades administrativa, educativa, operacional e de comercialização desenvolvidas pela COOPVILA durante o período do projeto, expressado na melhoria da renda, expansão da comercialização, resultado das pesquisas de satisfação e expectativa, e ainda no aumento significativo de parceiros e convites para realização de palestras e ações voltadas para a educação ambiental.

Além disso, ocorreu também o fortalecimento do empreendedorismo e da autogestão da cooperativa, porém, ainda há muito a se avançar, pois a receita obtida com a venda dos materiais reciclados não cobre os custos operacionais da cooperativa, tampouco permite a obtenção de uma renda aos cooperados que se equipare ao salário mínimo. Para tanto, acredita-se que a conquista do reconhecimento do serviço público prestado pela cooperativa possa vir a gerar futuras contratações da mesma pelo poder público municipal e, assim, receber pelo serviço de coleta seletiva que atualmente é oferecido à população dos bairros Farol, Ponta Verde e Pajuçara do município de Maceió.

Com isso, estima-se que este estudo venha a contribuir com o trabalho dos catadores de materiais reciclados organizados em cooperativas e associações que pretendam implantar um sistema de controle e monitoramento das atividades desenvolvidas pela mesma, bem como subsidiar estudos nas áreas de economia solidária e de resíduos sólidos recicláveis.

## Referências bibliográficas

BRASIL. **Atlas da economia solidária no Brasil 2005 – 2007** / Org. Associação Nacional dos Trabalhadores e Empresas de Autogestão e Participação Acionária – ANTEAG – São Paulo: Todos os Bichos, 2009. 66 pp. ISBN 978-85-60853-04-5.

\_\_\_\_\_. Sistema de Informações em Economia Solidária. **Atlas Digital**. 2013. Disponível em: <<http://sies.ecosol.org.br/atlas>> Acesso em: 10 de jun. 2015.

\_\_\_\_\_. **Situação social as catadoras e catadores de material reciclável e reutilizável**. Brasília: Ipeia, 2013.

CARVALHO, C. P. de. **Análise da reestruturação produtiva da agroindústria sucroalcooleira alagoana**. 3ª ed. Maceió: EDUFAL, 2009.

CEASB. **Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu**. Disponível em: <<http://www.ceasb.org.br/quem-somos/>> Acesso em 03 de abr. 2015.

COOPVILA. **Cooperativa dos Catadores da Vila Emater**. Disponível em: <<http://coopvila.com/>> Acesso em: 04 de abr. 2015.

ENGELS, F. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. Brasil: RocketE-diton, 1999. Disponível em: < <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socialismoutopico.pdf>> Acesso em: 06 de set. de 2015.

GAIGER, L. I. G. **A economia solidária diante do modo de produção capitalista**. Caderno CRH, Salvador, n.39, p.181-211, jul./dez. 2003.

HOBBSAWM, E. Introdução. In: MARX, KARL. **Formações econômicas pré-capitalistas**. 5 ed. Trad. João Maia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

LECHAT, N. M. P. As raízes históricas da economia solidária e seu aparecimento no Brasil. In: Economia solidária: volume I. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, p. 4 – 15. Disponível em:<<http://www.uff.br/incubadoraecosol/docs/ecosolv1.pdf>> Acesso em: 06 de set. de 2015.

MARX, K. **Para a crítica da economia política; Salário, preço e lucro; O rendimento e suas fontes: a economia vulgar / Karl Marx; introdução de Jacob Goren-der; traduções de Edgar Malagodi... [et al.]**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista**. 2ª ed. Lisboa: Avant!, 1997.

PINHEL, J. R. (org.). **Do lixo à cidadania: guia para a formação de cooperativas de catadores de materiais recicláveis**. São Paulo: Peirópolis, 2013.

QUANTO VALE ou é por quilo? Direção: Sérgio Bianchi. Roteiro: Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi. Rio de Janeiro: Agravo Produções Ciematográficas, Riofilme, 2005. 1 DVD (104 minutos).

SANTANA JÚNIOR, G. **A economia solidária em face da dinâmica de acumulação capitalista: da subordinação a um novo modo de regulação social?** 2007. 255f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

SINGER, P. **A recente ressurreição da economia solidária no Brasil.** Economia solidária: volume II. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, p. 4 – 37. Disponível em: <http://www.uff.br/incubadoraecosol/docs/ecosolv1.pdf> Acesso em: 06 de set. de 2015.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Economia Solidária.** 1ª Ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.